



SALVADOR E SUAS CORES [2020]
Ensino, pesquisa e extensão das relações étnico-raciais nos cursos
de arquitetura e urbanismo em África e Brasil

TROCAS DE EXPERIÊNCIAS: CONSTRUINDO DIÁLOGOS A PARTIR DAS ESCOLAS DE ARQUITETURA E URBANISMO

MURAD JORGE MUSSI VAZ¹

Resumo: As escolas de arquitetura e urbanismo, em sua condição formativa, técnica, cidadã e política têm estado, muitas vezes, aquém da complexidade inerente às contradições da sociedade brasileira. Esse distanciamento, em múltiplas dimensões, perpassa o não reconhecimento (e, portanto, não enfrentamento) de como nossa sociedade se constitui, através da consolidação de um racismo estrutural e estruturante, que se traduz nas práticas e relações sociais, na construção e disseminação do conhecimento e nas espacializações de territórios e lugares, quer a nível urbano, quer a nível rural ou em diversas outras possibilidades. Apresento aqui um conjunto de atividades de ensino, de pesquisa e de extensão que visam buscar um diálogo mais aberto e direto, com práticas socioespaciais não contempladas de maneira geral pela academia, e com Moçambique, numa troca de experiências, de sul para sul. Olhar para outros contextos tem sido um caminho em aberto para explorarmos nossas próprias contradições. Dessa maneira, através de diversas metodologias exploratórias, fomentase reflexões mais vinculadas à nossa conjuntura plural discutindo os objetivos de nossas pesquisas, o potencial do ensino em gerar autonomia discente e a extensão como possibilidade franca de abertura e diálogo. São necessárias novas posturas docentes, novas bases teóricas e metodológicas, e uma reestruturação do próprio processo formativo.

Palavras-chave: experiência docente; urbanização moçambicana; projetos de arquitetura.

Introdução

A prática da arquitetura e do urbanismo, socialmente comprometida, inicia-se durante o processo formativo. Essa afirmação incide diretamente no modo como temos produzido e disseminado conhecimento através, também, de diversas dimensões de colonialidade² latentes, interna e externamente, na sociedade brasileira. Terminado o colonialismo, seguimos reproduzindo relações de colonialidade³, incluindo as diversas abordagens sobre práticas espaciais, sobre arquitetura e sobre os modelos e teorias urbanas⁴, distantes das conjunturas específicas de muitos países do chamado sul global, invisibilizando grupos e sujeitos e suas formas de ser que engloba seus modos de constituir espaço.

¹ Professor da Universidade Federal da Fronteira Sul, campus Erechim. murad.vaz@uffs.edu.br

² Para aprofundamento da discussão sobre colonialidade, recomendo conferir a obra “Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas” (MALDONADO-TORRES, 2018).

³ É fundamental diferenciamos colonialismo e colonialidade. “Colonialismo pode ser compreendido como a formação histórica dos territórios coloniais; o colonialismo moderno pode ser entendido como os modos específicos pelos quais os impérios ocidentais colonizaram a maior parte do mundo desde a “descoberta”;

⁴ Para aprofundamento indico a leitura da entrevista intitulada “Por um diálogo latino-americano sobre colonialidade, arquitetura e urbanismo” de Yasser Farrés Delgado (2019) na qual o autor aborda aquilo que chamou de “colonialidade territorial” e também do texto “Hacia una teoria urbana transmoderna e decolonial” do mesmo autor e Alberto Mataran Ruiz (2014).



SALVADOR E SUAS CORES [2020]
**Ensino, pesquisa e extensão das relações étnico-raciais nos cursos
de arquitetura e urbanismo em África e Brasil**

O ato da negação, inviabilização, ou destruição de culturas fora dos padrões hegemônicos destitui a identidade existente no continente Latino Americano, criando um fortalecimento da arquitetura pautada sob viés colonialista, onde o “bonito”, “clássico” ou “culto” sempre está vinculado as características europeias deixando de lado a beleza da arte da arquitetura afro-latina onde diversos valores estão presentes e conectados de maneira coletiva nos patrimônios dessa comunidade. (SOARES, VERÍSSIMO e MOASSAB, 2017, sp).

É fundamental que currículos das escolas de arquitetura e urbanismo busquem ultrapassar a invisibilização da constituição plural inerente a nossa sociedade, abordando os processos de racialização⁵ e colonização dos corpos, grupos e sujeitos. Pensar o espaço, desde sua leitura e concepção, até as possibilidades de intervenção, requer uma abertura do olhar para como se constituíram e como tem se constituído nossas relações culturais, simbólicas, econômicas, sociais, traduzidas e consolidadas também, espacialmente. Essa perspectiva inclui desde a arquitetura vivenciada na dimensão do cotidiano indo até a própria definição do que venha a ser patrimônio, incluindo um olhar atento a como tem se constituído as diversas epistemologias dos campos de saberes que versam sobre o espaço.

A arquitetura com valores indígenas e africanos na América Latina e Caribe tem sido vetada pela modernidade e valores que vem obstruindo valores e tradições adaptados ao continente Latino Americano desde a vinda do continente africano, isso confirma pelo número insignificante de bens edificados tombados pelo Estado Nacional (referência ao estado brasileiro) [...]. (SOARES, VERÍSSIMO E MOASSAB, 2017, s/p.).

[...]o projeto civilizatório não é uma criação abstrata no campo das ideias. Ele se “espacializa”, se concretiza na ocupação, na transformação e na exploração dos territórios, no ambiente construído... Portanto, é pertinente e urgente revisar e colonialidade pode ser compreendida como uma lógica global de desumanização que é capaz de existir até mesmo na ausência de colônias formais” (MALDONADO-TORRES, 2018, sp).

⁵ Para aprofundar sobre raça e racismo, conferir Aníbal Quijano (1999). “La idea de raza es, con toda seguridad, el más eficaz instrumento de dominación social inventado en los últimos 500 años.” (QUIJANO, 1999, p.141).



SALVADOR E SUAS CORES [2020]
**Ensino, pesquisa e extensão das relações étnico-raciais nos cursos
de arquitetura e urbanismo em África e Brasil**

os fundamentos epistemológicos da arquitetura, do urbanismo e do planejamento do território a partir de uma perspectiva decolonial. (DELGADO, 2019, p.100).

Num país como o Brasil, dadas as características de constituição de nossa população, é central e radical apreender como “[...] as características das arquiteturas e espaços desenvolvidas por afrodescendentes que adaptaram seus conhecimentos provenientes do continente africano à realidade do continente latino americano onde a cultura afro é vista com preconceitos, opressão e resistência” (SOARES, VERÍSSIMO E MOASSAB, 2017, s/p.)

Trago para discussão algumas experiências que tenho desenvolvido a partir da Universidade Federal da Fronteira Sul e que tem me permitido questionar como docente, arquiteto e urbanista, a prática profissional comprometida com a cidadania. Nesse sentido a docência se traduz em ação política (no sentido de diálogo e reconhecimento da alteridade)⁶. As atividades contemplam, no âmbito do ensino, um conjunto de orientações de TFG com temas prementes, no entanto não recorrentes em nossas escolas, versando sobre projetos para quilombo, centro de umbanda e abro uma exceção ao tema do evento para apresentar um projeto para aldeia indígena; além da proposição e ministração de componente curricular sobre cidades e arquiteturas moçambicanas. No âmbito da pesquisa, apresento uma proposta desenvolvida sobre o processo de constituição dos espaços públicos de Maputo e experiência de estágio pósdoctoral em Moçambique. Essa experiência me permitiu uma dupla entrada no universo moçambicano: tanto a nível acadêmico contemplando a docência, quanto a nível de reconhecimento da complexidade inerente ao processo de urbanização e constituição de sociedade. Indo além, apresento o desdobramento das atividades em um atual projeto de pesquisa entre UFFS e um pesquisador moçambicano. No âmbito da extensão, discuto oficinas ministradas em 2018, 2019, 2020 (suspensa pela pandemia) realizadas entre IES moçambicanas e a UFFS em parceria para atividades de ensino, pesquisa e extensão.

⁶ Para aprofundamento, recomendo conferir Paulo Freire, em a “Pedagogia da Autonomia” (2006).



SALVADOR E SUAS CORES [2020]
**Ensino, pesquisa e extensão das relações étnico-raciais nos cursos
de arquitetura e urbanismo em África e Brasil**

As experiências descritas têm me feito repensar sobre o próprio processo de urbanização brasileiro, na condição de intrínseca relação com o processo de formação socioespacial, excludente, e constituído baseado desde sua origem em racismo.

Continuamente subjugados à violência do sistema escravagista e do racismo pósabolição, que perdura até os dias de hoje, as comunidades afro-descendentes, foram perpetuando geração após geração cosmovisões, conhecimentos e práticas ancestrais que fazem destes territórios e expressões arquitetônicas um importante patrimônio que continua invisibilizado e crescentemente ameaçado. (SOARES, VERÍSSIMO, MOASSAB, 2017, sp).

Desse modo, as diversas atividades descritas, ainda que singelamente, constituem-se em variadas oportunidades de se experimentar métodos e abordagens, no âmbito do tripé universitário, a fim de discutir radicalmente o propósito efetivo de nossas escolas de arquitetura e urbanismo, através de vínculos francos e reais com nossa sociedade. Retomo, a partir de Paulo Freire em a Pedagogia da Autonomia (2006), algumas premissas sobre o ato de ensinar para amparar reflexões e ações mais coerentes e imbuídas de propósitos de emancipação. Segundo o autor ensinar exige: apreensão da realidade, convicção de que a mudança é possível, de que a educação é uma forma de intervenção no mundo, a consciência do inacabamento, risco, a aceitação do novo e a rejeição a qualquer forma de discriminação⁷.

Parto, desse modo, de experiências reais e objetivas, rumo à discussão sobre como, em nossa sociedade “o pensamento moderno ocidental continua a operar mediante linhas abissais que dividem o mundo humano do sub-humano” (Santos, 2009, p.31). O autor discorre sobre como essas linhas continuam operantes e constituem hoje, cisões e zonas de não reconhecimento nas mais variadas situações, continuamente em consolidação. Busco aqui, ainda que numa primeira tentativa, uma abertura do olhar ao processo de constituição dessas linhas bem como sobre a “desumanização” de seres humanos, através do diálogo que perpassa também, a dimensão espacial.

⁷ Subcapítulos de seu livro.



SALVADOR E SUAS CORES [2020]
**Ensino, pesquisa e extensão das relações étnico-raciais nos cursos
de arquitetura e urbanismo em África e Brasil**

A desumanização, que não se verifica, apenas, nos que têm sua humanidade roubada, mas também, ainda que de forma diferente, nos que a roubam, é distorção da vocação do ser mais. É distorção possível na história, mas não vocação histórica. [...]A luta pela humanização, pelo trabalho livre, pela desalienação, pela afirmação dos homens como pessoas, como “seres para si”, não teria significação. Esta somente é possível porque a desumanização, mesmo que um fato concreto na história, não é porém, destino dado, mas resultado de uma “ordem” injusta que gera a violência dos opressores e esta, o ser menos. (FREIRE, 1994, s/p)

Como justificar que somos uma humanidade se mais de 70% estão totalmente alienados do mínimo exercício de ser? A modernização jogou essa gente do campo e da floresta para viver em favelas e em periferias, para virar mão de obra em centros urbanos. Essas pessoas foram arrancadas de seus coletivos, de seus lugares de origem, e jogadas nesse liquidificador chamado humanidade. (KRENAK, 2019,p. 09).

Reconhecer a pluralidade das diversas formas de relação entre práticas sociais e espaciais, outras formas de inter-relações que se dão no e a partir do espaço representa um caminho e uma abertura a um conhecimento que não busque um único paradigma de humanidade.

1. O ensino como prática para autonomia e reconhecimento da pluralidade de existências:

“Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”.
(Freire, 2006, p.23)

A discussão sobre o ensino, nas escolas de arquitetura e urbanismo, tem percorrido longa trajetória. No entanto é sintomático como aportes e contribuições da arquitetura africana, latino-americana (incluindo as diversas formas de indígenas de conceber espaços) e asiática não são abordadas, de maneira geral, em nossos currículos. Sobretudo se levarmos em consideração as bases teóricas que amparam nossos ensinamentos, quais são os modelos e as espacialidades mais disseminados, e como as



SALVADOR E SUAS CORES [2020]
Ensino, pesquisa e extensão das relações étnico-raciais nos cursos
de arquitetura e urbanismo em África e Brasil

diversas discussões espaciais não tensionam a existência das linhas abissais que se materializam espacialmente, homogeneizando o conhecimento e a prática.

Essa homogeneização desconsidera as diversas construções simbólicas, culturais subjacentes às práticas socioespaciais locais, e não revela as contradições socioeconômicas observadas na constituição de nossas sociedades. Nesse sentido, me amparo em Delgado e Ruiz para reflexionar a partir de uma “atitude outra”:

[...]reivindicando la necesidad de una «actitud decolonial» en relación con la crítica a los procesos de homogenización y pérdida de identidad en la praxis arquitectónica, urbana y territorial que abra espacios dentro de la academia para las «teorías urbanas otras» que no son “nuevas” sino que han permanecido en una marginalidad producto de la colonialidad ejercida por los saberes hegemónicos a pesar de que han existido y sustentado la generación de otras concepciones espaciales [...] (Delgado e Ruiz, 2014, p.355).

Ao assumir que é possível uma outra atitude, apresentamos dois conjuntos de atividades que temos realizado. A primeira discute um componente curricular que ministrei em 2019, cuja temática centrou-se no processo de urbanização moçambicano e com breve panorama de sua arquitetura, e o segundo um conjunto de TFG que tive a oportunidade de orientar.

No que concerne à componente curricular, por não haver na grade do curso da UFFS ementa similar, optei por ministrar uma optativa, chamada Ateliê Livre. A partir da ementa livre do ccr, propus uma breve discussão sobre pós-colonialismo e alguns textos do giro decolonial, seguida por estudos sobre a gênese da urbanização moçambicana e sobre a cidade de Maputo. Logo na sequência foram feitos estudos sobre arquitetura moçambicana, moderna e contemporânea. O intuito foi o de fomentar nos discentes a reflexão crítica sobre o processo de conhecimento e as agendas internacionais de arquitetura e urbanismo que regem, global e localmente, a arquitetura dos países constituintes do chamado do Sul Global. Também trouxemos para discussão o processo de colonização, que buscou homogeneizar, através do traçado da cidade moderna, as diversas formas de existência humana. A participação de pesquisadoras portuguesas e moçambicanas⁸, em algumas aulas, on-line, permitiu um contato franco e recíproco entre

⁸ Entre outras, estiveram presentes as pesquisadoras portuguesas Silvia Jorge e Silvia Viegas, além da brasileira Daiane Bertoli, que atualmente mora e é professora em Moçambique, além do arquiteto e professor Remigio Chilalule vinculado a Universidade Eduardo Mondlane.



SALVADOR E SUAS CORES [2020]
**Ensino, pesquisa e extensão das relações étnico-raciais nos cursos
de arquitetura e urbanismo em África e Brasil**

os discentes e os autores e autoras referenciadas como bibliografia. As possibilidades de trocas e reflexões, constituídas a partir desse CCR, tendem a demonstrar que há uma ampla possibilidade de trocas entre Brasil e Moçambique, por exemplo.

Entre os trabalhos finais que orientei, apresento três pelo fato de buscarem trazer para a discussão contextos e/ou programas arquitetônicos pouco debatidos na academia. Transversal aos três, reflito sobre a dificuldade de romper sobre a visão homogênea que temos da arquitetura, de soluções espaciais e técnicas construtivas pouco abertas ao vernáculo e às técnicas chamadas “tradicionais” e, sobretudo, à cosmovisão e cosmo percepção, das comunidades envolvidas. As três temáticas consistem em programas arquitetônicos vinculados a grupos cujos modos de existência, práticas sociais e espaciais não costumam estar presentes em nossas escolas.

O primeiro e mais recente, trata da concepção arquitetônica de um terreiro de umbanda para a cidade de Erechim, desenvolvido por Jaqueline Bednarz⁹. Através da parte inicial do trabalho, de pesquisa sobre terreiros de umbanda em Erechim, a autora encontrou ao menos cinco casas atuantes, sendo que a maior parte é desconhecida pela população local. Tal constatação demonstrou que, se por um lado, há uma disseminação dessa religião, por outro, há uma invisibilização e mesmo estigmatização de seus fiéis. O primeiro desafio enfrentado pela autora foi o preconceito inerente vinculado às religiões afro brasileiras. O segundo desafio constitui-se de maneira radical, pois trata da inerente diferença de cosmovisões, traduzida em símbolos, práticas e organização espacial, relacionados ao sistemas culturais vinculados e traduzidos em espaço. Nesse sentido, há na literatura de arquitetura um vasto espectro de análises e exemplos de igrejas cristãs, mas uma ausência quase completa de referenciais vinculados a outras religiões. Soma-se a essa constatação ao fato de praticamente não haverem terreiros de umbanda projetados por arquitetos. Portanto o desafio se deu em múltiplas ordens, desde a estigmatização da religião, o reconhecimento de seu sistema simbólico, cosmovisão e cosmopercepção indo até a criação de um programa em intenso trabalho. O resultado, conforme a vista geral (figura 03) concatenou formas fluidas, áreas abertas de culto,

⁹ Trabalho defendido em 2019. Tive a oportunidade de orientar este trabalho desde sua etapa de pesquisa.



SALVADOR E SUAS CORES [2020]
**Ensino, pesquisa e extensão das relações étnico-raciais nos cursos
de arquitetura e urbanismo em África e Brasil**

busca de elementos naturais e inserção na paisagem local, dialogando com as premissas apresentadas pelos pais e mães de consultados à época.



Figura 1 Vista geral: terreiro de umbanda para Erechim.
Fonte: Jaqueline Bednarz

O segundo trabalho insere-se numa outra dinâmica, pouco explorada também nas escolas de arquitetura e urbanismo. Contempla uma proposta projetual em área quilombola, no município de Sertão/RS, projetada pela arquiteta Marina Belé¹⁰. Trata-se do Quilombo Mormaça, formado por 18 famílias com aproximadamente 64 pessoas. Atualmente as famílias ocupam uma área de 03 hectares, mas reivindicam 410 hectares que lhes foram sendo retirados. A autora se debruçou sobre a organização espacial, fundiária, em conversas com as famílias locais e em reconhecimento de suas demandas (figura 04). A setorização contou também com áreas produtivas e de cursos, através de dois edifícios, áreas de preservação, e uma área de lazer, a fim de gerar renda para a comunidade envolvida. Esse projeto demonstrou uma dupla fragilidade das escolas de arquitetura: o reconhecimento de como se constituem as comunidades quilombolas e a ausência de referências quando tratamos com vilas e contextos rurais.

¹⁰ Tive a oportunidade de orientar e acompanhar o desenvolvimento projetual, mas a pesquisa inicial foi orientada pela professora Náufra Zanardo Zanin, UFFS.



SALVADOR E SUAS CORES [2020]
Ensino, pesquisa e extensão das relações etno-raciais nos cursos de arquitetura e urbanismo em África e Brasil

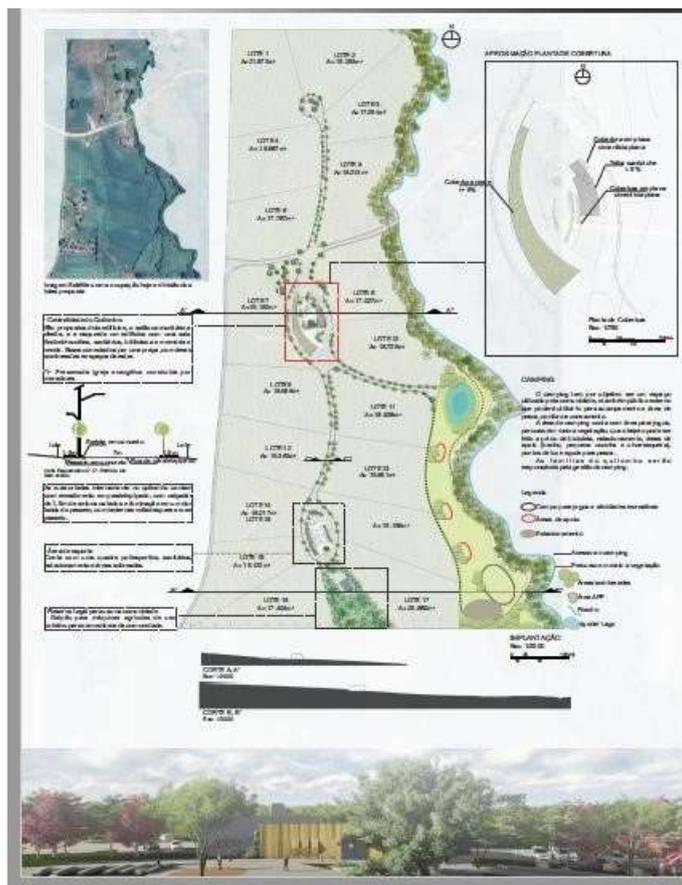


Figura 2 Prancha de setorização do Quilombo Mormaça.
Fonte: Marina Belé.

O terceiro TFG, vincula-se a outra temática, também premente, debruçando-se sobre uma aldeia indígena próxima à Erechim. A autora, Daniela Susin Guerra, desenvolveu seu trabalho baseado em duas linhas principais: diretrizes para mobilidade entre aldeias do território indígena de Nonoai (figura 05 e 06), e uma proposta de equipamento para a Aldeia Flor da Mata no território Tekoá Ka'Aguy Poty¹¹. Por ter sido orientada durante a sua pesquisa pela professora Nauira Zanardo Zanin, que é especialista na temática, o trabalho da autora atingiu um grau de conhecimento bastante profundo. No entanto, notamos que essa é uma temática praticamente ausente em escolas de arquitetura e urbanismo.

¹¹ Trabalho desenvolvido pela acadêmica Daniela Susin Guerra. Tive a oportunidade de orientar e acompanhar o desenvolvimento projetual, mas a pesquisa inicial foi orientada pela professora Nauira Zanardo Zanin, UFFS.



SALVADOR E SUAS CORES [2020]
Ensino, pesquisa e extensão das relações etno-raciais nos cursos de arquitetura e urbanismo em África e Brasil



Figura 3 Vista geral: setorização do projeto.
Fonte: Daniela Susin Guerra

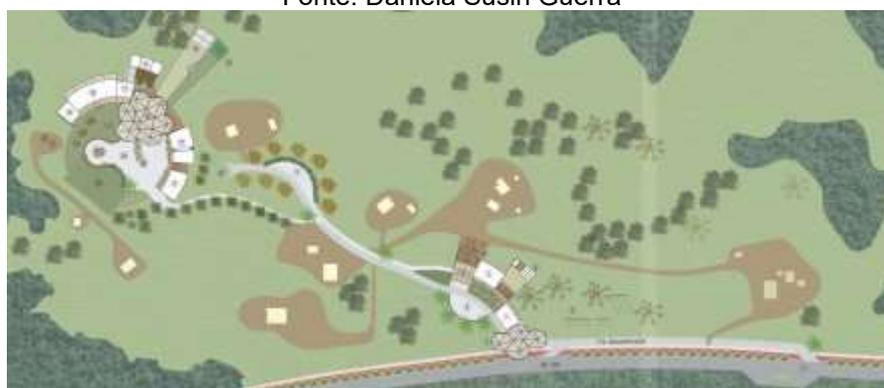


Figura 4 Vista geral: setorização do projeto.
Fonte: Daniela Susin Guerra

É importante ressaltar que, transversal aos três trabalhos, há um desconhecimento sobre a diversidade de programas arquitetônicos e urbanísticos não contemplados pela academia. Esse desconhecimento restringe nossa compreensão sobre a pluralidade das diversas práticas socioespaciais constituintes da sociedade brasileira, e reforça um único paradigma espacial e arquitetônico a ser perseguido. Reforço ainda, a necessidade premente de se começar a constituir referências teóricas e metodológicas que versem sobre essas (e outras) temáticas.

2. A pesquisa sobre Maputo, as diversas formas de se conceber categorias e noções:

O conceito de espaço público, apropriado dos mais variados campos de conhecimento, no âmbito da arquitetura e do urbanismo assume uma polissemia confundida, algumas



SALVADOR E SUAS CORES [2020]
**Ensino, pesquisa e extensão das relações étnico-raciais nos cursos
de arquitetura e urbanismo em África e Brasil**

vezes, com suas diversas materializações¹². De matriz eminentemente ocidental, a noção de público e privado, com amplo reconhecimento nos espaços da cidade chamada “formal” descritos como ruas, praças, parques, alcança resultados muito plurais nas intersecções entre práticas sociais e práticas espaciais nas áreas consideradas “informais” das cidades brasileiras e mesmo em outros contextos, onde a ideia de sociabilidade atinge diversos contornos. Em Maputo, em suas ruas, do centro à periferia, o espaço público adquire dimensões de resistência, sobrevivência, convivência, espaços de trocas e sociabilidade, numa mescla entre práticas sociais, culturais e simbólicas, anteriores à chegada dos portugueses, consoante às trocas anteriormente instituídas através do Índico¹³. Essas práticas se adaptam, subvertem, se apropriam da lógica espacial resultante dos traçados urbanos (na área central) e na periferia, constitui diversas formas outras de se constituir em urbano.

As constatações acima descritas têm sido resultantes, além de bibliografias e entrevistas com pesquisadores que tratam de Maputo, de projetos de pesquisa que temos desenvolvido na UFFS. Esse projetos se debruçam desde a constituição dos espaços públicos em Maputo, até mais recentemente, um pós-doutorado realizado em 2018, cuja sequência tem se focado no processo de consolidação urbana do país. Inicialmente, a pesquisa realizada pela então discente Cila Fernanda Silva, e por mim, no âmbito da UFFS, buscava informações sobre a constituição de espaços públicos em Luanda e Maputo. Nessa etapa percebemos que praticamente inexitem trabalhos acessíveis sobre o tema, e que portanto, deveríamos ir até Maputo para recolher dados in loco através de referências e observação participante.

Essa ida aconteceu em 2018 e, ao somar trabalho de campo, o levantamento bibliográfico e o acompanhamento de aulas ministradas na UEM¹⁴, foi possível perceber

¹² Para aprofundamento da temática recomendo os trabalhos de Queiroga (2001), Vaz (2015), Abrahão (2008), Yázigi (2000). Para ampliar a discussão sobre espaço público e buscar maior amparo em outros campos de conhecimento recomendamos conferir os trabalhos dos geógrafos Ângelo Serpa (2011) e Paulo Cesar da Costa Gomes (2002), e no campo das ciências sociais Rogério Proença Leite (2004), e do cientista político Adrian Gurza Lavalle (2005).

¹³ Recomendamos conferir autores que, em diferentes abordagens, se debruçaram sobre a constituição urbana de Maputo, entre os quais Moraes (2001), Costa e Biza (2012), Viana (2008, 2015), Vales (2014), Melo (2015), Jorge (2017); na perspectiva das ciências sociais Heer (2019), e sob o enfoque dos subúrbios, Oppenheimer e Raposo (2002).

¹⁴ Tive a oportunidade de ministrar, juntamente com a professora Inês Macamo Raimundo, o componente



SALVADOR E SUAS CORES [2020]
Ensino, pesquisa e extensão das relações etno-raciais nos cursos
de arquitetura e urbanismo em África e Brasil

que ainda há um longo caminho a percorrer no sentido do reconhecimento das diversas intersecções entre práticas sociais e espaciais e múltiplas possibilidades de “ser urbano e ser rural”. Foram tantas as situações encontradas, desde machambas¹⁵ cultivadas em espaço públicos, à espaços de rito, cocção, culto, vendas, etc, que o léxico formal de espaços públicos não contempla (figura 05, 06, 07 e 08).



Figura 5 Espaço de venda.



Figura 6 Machamba em espaço público. Fonte: autor, 2018.

Fonte: autor, 2018.



Figura 7 Alimentação e lazer



Figura 8 Comércio. Fonte: autor, 2018.

Na sequência, atualmente a pesquisa intitula-se “Maputo: reflexões compartilhadas” e conta com estudantes da UFFS, pesquisadores e investigadores da Maputo, e uma estudante da Universidade Wutivi. Através de reuniões mensais são debatidos temas vinculados ao processo de urbanização moçambicano.

Socio economia do Espaço, para a Faculdade de Arquitectura e Planeamento Físico, da Universidade Eduardo Mondlane. A professora Inês é a docente responsável por essa matéria, e foi minha supervisora de pós-doutorado em 2018, na UEM.

¹⁵ Tradicionais hortas cultivadas por mulheres ou por homens. São encontradas nas mais variadas localizações dentro da trama de Maputo.



SALVADOR E SUAS CORES [2020]
Ensino, pesquisa e extensão das relações étnico-raciais nos cursos
de arquitetura e urbanismo em África e Brasil

É importante ressaltar que, a partir dos vínculos criados pela pesquisa, temos observado um processo de dupla importância. Primeiro pela reflexão sobre as características das cidades moçambicanas, e ou brasileiras, cujas especificidades necessitam de um olhar outro, que se desvincule da importação de modelos externos e descoincidentes de nossas realidades. A mesma observação também se aplica à arquitetura como prática socialmente comprometida. Dessa forma, uma redefinição de categorias e noções, empiricamente demonstradas, permite um olhar mais aproximado às práticas sociais e as práticas espaciais em constante interação. Num segundo viés, a pesquisa tem possibilitado vínculos também para o ensino (item 01) e para a extensão.

(item 03), permitindo trocas entre discentes e docentes de diversos contextos.

3. A extensão como abertura do olhar e aprendizado pelo diálogo

A extensão assume um papel central no reconhecimento das complexidades e contradições estruturais de nossa sociedade, possibilitando ir “além dos muros da universidade”¹⁶. Se considerarmos o ensino, em sua dimensão formadora, observamos que muitas vezes se consolida segundo formatos herméticos de componentes curriculares e, se vinculado a referenciais teóricos e práticas pedagógicas, em certa medida restritos, contrai-se sua profunda capacidade de gerar autonomia dos discentes. Ao mesmo tempo, a pesquisa tem um amplo potencial de vínculo e descoberta, se partir de bases que consigam mitigar questões centrais de nossa sociedade, e não for pautada somente em agendas financiadas por interesses específicos. Dessa forma, a extensão universitária atinge amplo potencial através de sua vocação formativa, sendo que “[...] a extensão é educativa.” (FREIRE, 2013, p.13), recuperando a dimensão de que “ensinar exige apreensão da realidade” (FREIRE, 2006, p.68).

As atividades de extensão que aqui apresento vinculam-se aos trabalhos desenvolvidos em parceria entre a UFFS e IES moçambicanas. A primeira, resultou de uma colaboração entre a pesquisa intitulada “A produção de espaços públicos: reflexões sobre Maputo, Moçambique” -UFFS, o Laboratório Mafalala, da Faculdade de Arquitectura e

¹⁶ Título do livro organizado por Camila D’Ottaviano e João Rovati (2019), conforme referências.



SALVADOR E SUAS CORES [2020]
**Ensino, pesquisa e extensão das relações étnico-raciais nos cursos
de arquitetura e urbanismo em África e Brasil**

Planeamento Físico da UEM, da Associação IVERCA e da UNHABITAT, para estruturação e realização do “Workshop O Espaço Público nos Assentamentos Informais de Maputo”. Realizado entre os dias 26 e 28 de setembro de 2018, teve como objeto de intervenção o bairro da Mafalala. As atividades com as quais estive vinculado contemplaram desde a concepção e estruturação da oficina, o acompanhamento das atividades e a avaliação final dos trabalhos. Ao longo de três dias os estudantes da FAPF da UEM assistiram a palestras, mesas redondas, realizaram visita e trabalho de campo ao bairro da Mafalala (Maputo), e foram orientados em trabalhos de ateliê para identificação de possíveis áreas públicas para criação de projetos de espaços de usos coletivos. As equipes, a partir de suas próprias considerações construídas ao longo das atividades de debate, escolheram e propuseram áreas coletivas para lazer infantil, distribuídas pelo bairro. O reconhecimento, in loco, contemplou uma aproximação efetiva entre a vida cotidiana local e a trama urbana extremamente imbricada entre práticas sociais e espaciais (conforme figura 09 e 10)

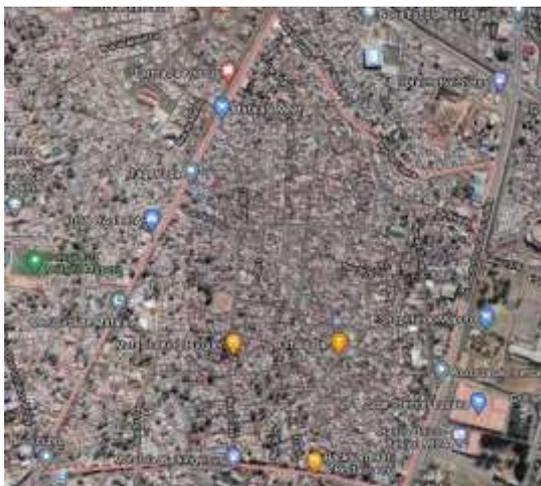


Figura 9 Mafalala: trama urbana.
Fonte: google.maps



Figura 10 Mafalala: ruas.
Fonte: Autor, 2018.

A segunda atividade realizada desdobra-se em dois momentos. O primeiro realizou-se em 2019 em Moçambique, e o segundo foi desenvolvido no Brasil em 2020. Em 2019, organizamos a oficina internacional “O papel social da Arquitetura: debate e ação”¹⁷, a partir da parceria entre o projeto de pesquisa “Maputo: reflexões compartilhadas”- UFFS

¹⁷ Para maiores informações sobre a oficina, recomendo conferir:
<https://www.uffs.edu.br/campi/erechim/noticias/professor-e-alunas-desenvolvem-projetos-de-assistenciatecnica-em-mocambique>



SALVADOR E SUAS CORES [2020]
**Ensino, pesquisa e extensão das relações étnico-raciais nos cursos
de arquitetura e urbanismo em África e Brasil**

a Wutivi (UniTiva) e o Centro Hakumana¹⁸ - que promoveram e sediaram o evento-; também foram organizadores: a Faculdade de Arquitectura e Planeamento Físico da UEM; os Arquitetos Sem Fronteiras e a arquiteta e pesquisadora portuguesa Silvia Jorge. O objetivo principal era o de projetar uma nova sede para o Centro Hakumana. Foram realizadas palestras, mesas redondas e trabalhos de campo, além de atividades orientadas em ateliê, nas quais, ao longo de quatro dias, estudantes de Arquitetura e Urbanismo da Unitiva e da UEM trabalharam em equipes. Os trabalhos desenvolvidos foram apresentados e debatidos com a comunidade envolvida ao final da oficina.

A partir dos resultados obtidos em 2019, voluntários vinculados ao projeto de pesquisa supracitado e ao Programa de Extensão “Arquitetura e Cidade: uma proposta decolonizadora”- UFFS, deram continuidade ao projeto em 2020, desenvolvendo um anteprojeto enviado ao Centro Hakumana para orçamentação e execução (figuras 11 e 12)¹⁹. A equipe também contou com a arquiteta Cila Fernanda Silva, egressa da UFFS, de uma estudante de arquitetura da Wutivi, e assessoramento dos professores Remigio Chilaule, da UEM, e Daiane Bertoli, da Wutivi (UniTiva), além da irmã Rute Mesquita, responsável pelo Hakumana. A partir de reuniões on-line, o grupo estruturou e discutiu a proposta que melhor se adequa em termos espaciais, simbólicos e climáticos às solicitações do centro Hakumana



Figura 11 Centro Hakumana.



Figura 12 Cortes do projeto

Fonte: a equipe do projeto.

¹⁸ Para maiores informações do Centro Hakumana, buscar:

<https://centrohakumana.wixsite.com/hakumana>

¹⁹ Para maiores informações, recomendo conferir:

<https://www.uffs.edu.br/campi/erechim/noticias/programa-de-extensao-da-uffs-desenvolve-projetoarquitetonico-para-centro-assistencial-mocambicano>



SALVADOR E SUAS CORES [2020]
**Ensino, pesquisa e extensão das relações étnico-raciais nos cursos
de arquitetura e urbanismo em África e Brasil**

As trocas realizadas através do projeto de extensão contemplam não somente uma disseminação do conhecimento produzido pelas IES mas, e sobretudo, um aprendizado constante através de uma comunicação entre sujeitos, grupos e a academia. Dessa forma, exploramos a possibilidade de comunicação em detrimento da simples ideia de extensão (FREIRE, 2013). As trocas que temos empreendido, através das atividades descritas, e outras que temos empreendido, como projeto de praça para alguns bairros periféricos, demonstram que há muitas maneiras de conceber espaços e territórios, para além daqueles desenvolvidos pela academia.

4. Notas Finais

As complexidades inerentes aos diversos processos e formas de espacialização, nas sociedades constituídas pelos processos de colonização, e que continuam se constituindo em/e através de diversos processos de colonialidade, indicam que temos um premente e urgente caminho a percorrer.

Para trilhar esse caminho é fundamental reconhecer e enfrentar o racismo que está na gênese de nossas relações sociais e que se materializa também em práticas espaciais excludentes, e que invisibilizam ou não consideram (muitas vezes de maneira violenta) grande parte da população brasileira. Discutir nossa matriz de cidadania, em suas múltiplas dimensões, requer o reconhecimento dos múltiplos territórios que se constituem como lugar de luta, resistência, existência.

Dentre as diversas maneiras de romper essas múltiplas estruturas de dominação, abordo neste artigo, a formação de arquitetos e urbanistas conscientes das linhas abissais que continuam operando em nossa sociedade. O ensino, a extensão e a pesquisa, em sua dimensão cidadã e política, se vinculados aos paradigmas impostos pela nossa conjuntura socioespacial, podem contribuir para uma aproximação mais consolidada entre academia e sociedade, minorando a importação de referenciais externos, e permitindo a criação de horizontes vinculados às nossas contradições. Permite também que noções e categorias possam ser revisitados e reconceituados conforme as particularidades de cada contexto. São necessárias novas posturas docentes, novas fontes teóricas e metodológicas, e uma reestruturação do próprio processo formativo.



SALVADOR E SUAS CORES [2020]
Ensino, pesquisa e extensão das relações étnico-raciais nos cursos
de arquitetura e urbanismo em África e Brasil

Construir caminhos de diálogos e trocas, de sul para sul, conforme tenho intencionado, nos permite entrar em interlocução com sujeitos e grupos de países colonizados e que cujas populações sofreram (e sofrem) processos de racialização e diversos preconceitos. São múltiplos os desafios, mas também são múltiplos os caminhos e possibilidades a serem enfrentados e desvelados, as experiências têm se mostrado profícuas e capazes de gerar autonomia discente, com consciência política e cidadã, consoante a práticas profissionais mais comprometidas socialmente.

5. Referências bibliográficas

ABRAHÃO, Sérgio Luís. **Espaço público: do urbano ao político**. São Paulo: FAPESP; Annablume, 2008.

COSTA, Ana Bénanrd da E BIZA, Adriano. **HOME SPACE, Relatório Etnográfico**, 2012.

DELGADO, Yásser F. **Por um diálogo latino-americano sobre colonialidade, arquitetura e urbanismo**. Entrevista a Gabriel Rodrigues da Cunha e Leo Name. Revista Redobra 15, ano 06, 2020.

DELGADO, Yásser F. e RUIZ, Alberto M. **Hacia una teoria urbana transmoderna y decolonial: una introducción**. Polis [En línea], 37 | 2014, Publicado em 07 de maio de 2014.

D'OTTAVIANO, Camila, & ROVATI, João. (org). **Além dos Muros da Universidade: Planejamento Urbano e Regional e Extensão Universitária**. 1º ed. - São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo e Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional. 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 1994[1987] versão digital, sem páginas.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática educativa**. Editora Paz e Terra, São Paulo, 2006.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** [recurso eletrônico]. tradução Rosiska Darcy de Oliveira. - [1. ed.] - Rio de Janeiro : Paz e Terra, 2013.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2002.

HEER, Barbara. **Cities of Entanglements Social Life in Johannesburg and Maputo Through Ethnographic Comparison** (PhD Thesis). University of Basel, 2019.

Disponível

em:



SALVADOR E SUAS CORES [2020]
Ensino, pesquisa e extensão das relações etno-raciais nos cursos
de arquitetura e urbanismo em África e Brasil

<https://www.transcriptverlag.de/media/pdf/d7/8e/91/oa97838394479706S8RKd0kDDvYo.pdf>

JORGE, Silvia Manoela Branco. **Lugares Interditos. os bairros pericentrais autoproduzidos de MA P U T O.** Tese de doutoramento. FA Ulisboa, 2017.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** EDITORA SCHWARCZ S.A., São Paulo, 2019.

LAVALLE, Adrián Gurza. **As dimensões constitutivas do espaço público - Uma abordagem pré-teórica para lidar com a teoria.** Espaço & Debates, São Paulo, v. 25, p. 33-44, 2005.

LEITE, Rogério Proença. **Contra-usos da cidade: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea.** Campinas: Ed. Unicamp, 2004.

MALDONADO-TORRES, Nelson. **Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas.** In: **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico.** Org.: Bernardino-Costa, J; Maldonado-Torres, N e Grosfoguel, R. Editora Autêntica, 2018.

MELO, Vanessa. **A produção recente de periferias urbanas africanas. Discursos, práticas e configuração espacial: Maputo versus Luanda e Joanesburgo.** Tese de doutoramento em Urbanismo. Lisboa: Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa, 2015.

MORAIS, João Sousa. **Maputo-património da Estrutura e Forma Urbana Topologia.** Lisboa: Livros Horizontes, 2001.

OPPENHEIMER, Jochen.; RAPOSO, Isabel (coords.) – **Subúrbios de Luanda e Maputo.** Lisboa: Edições Colibri, 2007.

QUEIROGA, Eugênio Fernandes. **A megalópole e a praça: o espaço entre a razão de dominação e a ação comunicativa.** Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

QUIJANO, Aníbal. **¡Qué tal raza!** Ecuador Debate, n. 48, p. 141-151, 1999.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para além do Pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes.** In.: Santos, BS., & Meneses, MP. **Epistemologias do Sul.** G.C. Gráfica de Coimbra, 2009.

SERPA, Ângelo. **O Espaço público na cidade contemporânea.** São Paulo: Contexto, 2011.

SOARES, Raimundo C. O.; VERÍSSIMO, Céline, MOASSAB, Andreia da Silva. **Análise do património arquitetónico e espaços de comunidades de matriz africana na América Latina e Caribe.** In.: Anais do Encontro Internacional ArquiMemória5, 2017.



SALVADOR E SUAS CORES [2020]
Ensino, pesquisa e extensão das relações etnico-raciais nos cursos
de arquitetura e urbanismo em África e Brasil

VALES, Teodoro. **De Lourenço Marques à Maputo : genèse et formation d'une ville** (Tese de doutorado). Université de Grenoble, 2014.

VIANA, David Leite. **Maputo: transformação de uma estrutura urbana de origem portuguesa: um contributo para a requalificação do espaço urbano** (PhD Thesis). Universidade de Valladolid, 2008.

VIANA, David Leite. **(Auto) organização e forma urbana: combinando diferentes abordagens morfológicas na análise de Maputo**. Relatório de pós-doutoramento. Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, 2015. Disponível em: https://issuu.com/dlvarq/docs/david_leite_viana_relatoRIO_p_s-d.

YÁZIGI, Eduardo. **O mundo das calçadas: por uma política democrática de espaços públicos**. São Paulo: Humanitas, 2000.